

HEBDOMADARIO DE CARICATURAS

PROPRIETARIO
R. BORDALLO PINHEIRO

REDACTORES, VARIOS

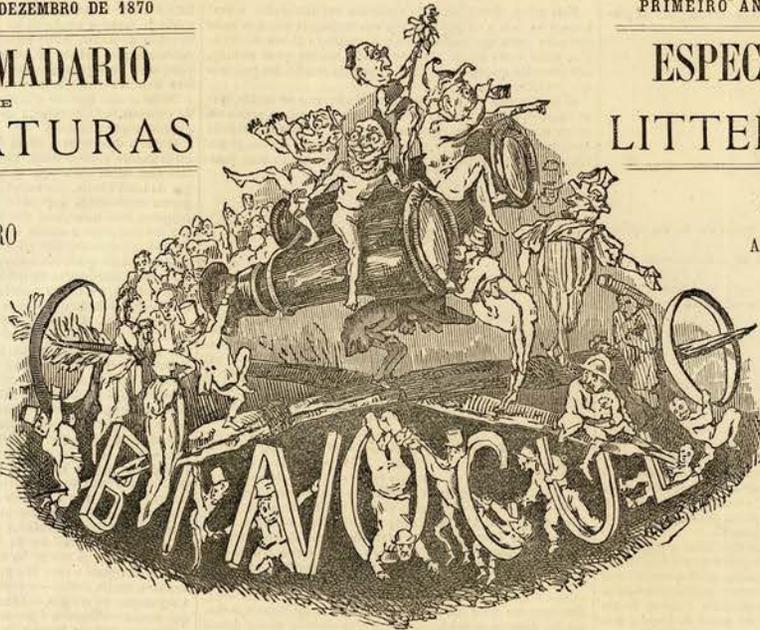
LISBOA
40 RÉIS

ESPECTACULOS LITTERATURA

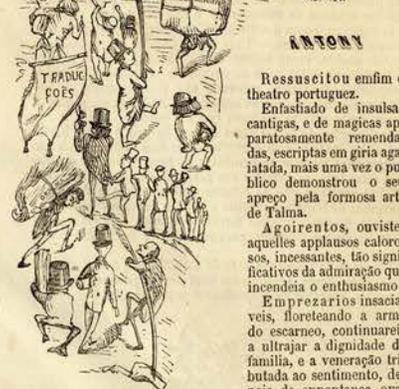
CORRESPONDENCIA
A. C. SIMÕES AFRA & C.^ª

112, RUA DO OURO, 114

PROVINCIAS
45 RÉIS



Os artigos e correspondencias, depois de submettidos a censura da redacção, sejam ou não publicados, não são devolvidos.



Ressuscitou enfim o theatro portuguez.

Enfasiado de insulsas cantigas, e de magicas apparatusos remendadas, escriptas em gíria agastada, mais uma vez o publico demonstrou o seu apreo pela formosa arte de Talma.

Agorentos, ovistes aquellos applausos calorosos, incessantes, tão significativos da admiração que incendeia o enthusiasmo? Em prezaríeis insaciaveis, floreteando a arma do escarneo, continuareis a ultrajar a dignidade da familia, e a veneração tributada ao sentimento, depois da expositanea ovacione como a platá acolheu o Antony?

Desvaireados pela cubia do lucro, teimae embora no depravado empenho de fascinares com farfalhadas e truanices aos que malbaratam o tempo; mas, por Deos, não invoqueis as glorias da sublime arte, ao passo que, tregetando como arquiens de feira, lhe esfarrapae o magestoso manto, que só cabe a deuses, e nunca ás vossas caricaturas corromptoras do coração e da intelligencia.

Nem um só logar desocuppado. Os camarotes, açafates de animadas flores. Disputar-am-se dobradiças. Admiravel execucao.

Santos e Emilia Adelaide, ostentando o seu gentil talento, communicaram aos espectadores os vehementes affectos, de que estavam possuidos, commoveram, enthusiasmaram. E' aquella a linguagem da paixão; é aquella o verdadeiro colorido da phrase, ora incessiva e arrebatada, ora flebil e mei-

ga; é declamando assim, que a alma sensivel desperta na sublimo explosão do enthusiasmo. Balbuacia qualquer d'aquelles trechos mais ternos, ou mais fogosos; recitae-o, como em leitura apressada, á imitação de segarrega, e tercis adormecido vossos ouvintes, ou indignado os que possuirem gosto apurado, e coração que sinta e que falle.

Quanto vale o—*Ninguém*—proferido pelo nosso Rosa no Frei Luiz de Souza!

Como passaria despercebida a magnifica phrase—*Resistiam-me, assassinei-a*—com que Santos remata o Antony!

Inutil é discutir o drama, vertido pela cuidada penna do nosso elegante prosador, o Sr. Raulinho Ortúgo. Todos o conhecem e avaliam como um dos mais primorosos da escola romantica, infelizmente desprezada, mas sempre activa e esplendida em face do realismo triumphante.

Hoje não ha Antonys, e por isso os estranhamos e consideramos epicos, ou fabulosos. A indolencia e o sybaritismo são o nosso bezerro d'ouro, por infelicidade da arte, e dos costumes. Mas erguei um d'esses vultos grandiosos, anima-o pela inspiração de artistas emmesos, como Emilia das Neves, Emilia Adelaide, Santos, e Rosa, e presenciareis um triumpho.

Porque viverão sempre na nossa saudade o Tasso e a Manoela Rey?

Sem recorrer á exaggeração dos gritos, Santos patenteou a mais nobre e verdadeira indignação no segundo acto, e a mais íntima e fogosa objurgatoria contra os preconceitos da sociedade, severa e rigorosa para as maculas d'um nascimento, de que só ella é a culpada.

Emilia Adelaide foi a amante mais dedicada o terna, e ao mesmo tempo, orgulhosa com a sua pureza; ninguém declamaria o 4.º acto tão admiravelmente.

Gertrudes sempre elegante e naturalissima. Silveira, buscando agradar, recorre á affectação: olhe menos para o espelho, e mais para o sentimento. Aceite o conselho que é de amigo, que o deseja ver na altura propria da sua intelligencia.

Uma advertencia ao protagonista. Quando no 1.º acto, accorda do deliquio á voz da sua estremecida Adelia, dialogue com ella n'outra posição, em que não pareça alejado da perna, que assenta no sophá.

E, como o *Binoculo* não pôde estar inactivo nos entre-actos, quantas formosuras nos caberia aqui enumerar, se não temessemos offender a modestia de todas!

Quantos lindissimos olhos incendiados pela paixão que se debatia em scena! Quantos seios offegantes, e reprimindo suspiros!

Se fossemos um dos amorosos annunciantes dos jornaes, no dia seguinte, a uma das mais gentis damas, que atrahia a attenção geral, dedicariamos estas linhas:

—Recorda-se do feliz espectador, cujo peito V. Ex.^ª involuntariamente comprimio, impellido pela turba apressada de saír? Tão delicioso momento, será eterna lembrança de SATAN.



THEATRO DE S. CARLOS

TRAVIATA — BAILE DE MASCARAS



hocejar começamos esta singela e rapida apreciação.

A *Traviata*, aquella formosa partitura de Verdi, que tão bem interpretada tem sido no nosso theatro lyrico todas as vezes que ali tem subido á scena, fez-nos desta vez adormecer!

O desempenho confiado á sr.^ª Sonneri e ao sr. Ugolini, foi simplesmente máo.—Apenas o sr. Sterbini ponde conseguir tornar-se supportavel.

A *tout seigneur tout honneur*.

Fallaremos em primeiro logar da sr.^ª Sonneri, d'aquella encantadora e roclunchuda *Margaridinha* do Fausto, o *Papá*, que agora se accaregou de nos fazer lembrada (?) a diaphana *Margarida* Gauthier. (Viole).

Sonneri! que nome tão soporifero! Somno, *soncea*, todas quantas divindades Morphéo tem ao seu serviço para adormecer este mundo e o outro, tudo ali se achá reunido n'aquelle nome!

Ao ouvir-a dorme-se, ao vê-la parece-nos estar em presença de uma ervanavia offerecendo chá de dormideiras por nusicia ao respeitavel publico.



Que excellente cantora seria a sr.^ª Sonneri se tivesse boa voz, se tivesse um bom methodo de canto, se não desafinasse, enfim, constantemente!

A falta destes dotes, a sr.^ª Sonneri quiz substituir os amotrando-se fiel sectaria da escola franceza, mas não o conseguindo tambem, resolveu em ultima instancia estabelecer uma escola puramente sua:—*a da ultra desafinação*.

Custa a crir que a empresa, em vista da *infusta sorte da Margarida do Fausto*, tivesse o máo gosto de descejar a mesma infelicidade a *Margarida* Gauthier.

O tenor Ugolini, que na epocha anterior cantou discretamente, este anno entendeu que melhor seria gritar. Tomamos a liberdade de lhe aconselhar que não continue esforçando-se d'aquella forma, porque, ainda que alargá a pelle, arrisca-se a arrebental-a. Será mais prudente que se modere. Olhe que já lá vae o tempo em que o nosso publico gostava de ouvir gritar. Desde que applaudiu Naudin, Corsi, e agora Nicolini, costumou-se a apreciar a escola e o estylo, coisas que o sr. Ugolini desconhece. Julgamos que com os recursos que possui, se estudar, poderá ouvir-se; porém o nosso theatro decerto que não deverá servir para aprendizagem de *ferrabraces* que nos vem apoucar o bichinho do ouvido.

Nesta opera o sr. Ugolini canta menos mal o 4.º acto, bem parte do 3.º, e mal o restante.

Mas, como são as cousas! O que uns tem de mais, tem outros de menos; o harytono, sr. Sterbini falta-lhe voz, mas canta com sentimento, mimo e muita correção; além disso a sua extrema modestia torna-o sobre modo sympathico.

A empresa não quer ter um director de scena, e por isso gozamos sempre em todas as operas disparates, que se não devem admitir n'um theatro de primeira ordem. N'esta opera como em quasi todas a *mise en scene* é detestavel.

Por ultimo sentimos que se não tivesse encarregado da parte de Alfredo um tenor deste feitio:



Morriram ambos phisicos, o que que seria de um optimo effeito. Que pena não ter Verdi podido mudar o final da sua opera de proposito para a sr.° Sonnier! O cysne de Bucto teria decerto o espirito de fazer morrer, em vez de phisica, hydroptica aquella estavel Violeta.

Esta vez não hoojamos, mas shrimos a bocca para exclamar—bravo! bravo—tal foi a impressão que nos produziu o bom desempenho do Ballo in Mascherat Na realidade ha muito que esta opera de Verdi não tem uma tão feliz interpretação. Nicolini foi inexcidível na graça e expressão com que cantou barcarola do 2.º acto, é irreprehensivel no duetto com Amelia no 3.º acto, e o resto da opera torna-se sempre notavel pela correção. Pena é que cortasse a romanza do 4.º acto, o que nos produziu um não effeito, fazendo-nos lembrar um sujeito que convidá amigos para um jantar esplendido, e afinal só lhe dá uma boa sopa e um bon dessert.

A sr.° Loti, que creou no nosso theatro lirico o papel d'Amelia, e que é sem duvida um dos melhores do seu repertorio, canta-o agora muito melhor que n'aquella epocha, e posto que ainda grite alguma coisa, não é tanto como nos primeiros annos. A sr.° Harris sem a elegancia de madame Volpini, de tão gratas recordações na interpretação do papel de pagem, tem uma vocalização admiravel, clara e equal, não lhe falla uma nota, as escalas chromaticas são tão acabadas como as de uma flauta, ou d'um clarinete, e as notas agudas são perfectissimas, sentimento é que lhe falta.

Os còros, sobre tudo os do 3.º acto, sabem desatinadissimos Não podemos deixar de registrar, apesar de já estarmos habituados.

No seguinte numero nos occuparemos da companhia de baile.

Este actor, dotado aliaz d'excellentes exterioridades, é mo notono na falla e no gesto. A sua voz embaçada não tem mais que uma corda que desferir, e o mau methodo da sua declamação, umas vezes demasiado precipitada, outras quasi sumida, não permite que cheguem até ao publico muitas das palavras que profere.

É preciso que reformem o seu methodo, que se escute, que se observe, que se edique enfim, e conseguirá com preserança um logar distincto na scena, onde as suas apreciaveis qualidades ja como moço que se presa e que se estima, já como excellento collega, lhe reservaram de ha muito uma posição invejavel.



PETISCO DOS COSINHEIROS



osanna in caporalis! Os litteratos portuguezes atiram-se aos petiscos, como gato a hofes; Paulo Plantier chamou a litteratura ao dominio da caçarola e do espeto; Julio Machado já não se procura para fazer um folhetim; todos o chamam para uma caldeirada; ninguém já pede uma comedia a Teixeira de Vasconcellos, pede-lhe sardinhas recheadas; Ramalho Ortigão, tendo vacillado por muito tempo entre o petisco de um artigo e o artigo de um petisco, decide-se pelo ultimo, e todo elle é caranquejola, troufes, e batatas fritas; Bulhão Pató sacrifica n'um fogareiro de barro um bom prato de arroz de codornizes a Diana Caçadora; Luciano Cordeiro reduz carne crua a um picado mais miúdo do que aquella a que reduziu as obras dos nossos escriptores no seu Livro de critica; este, que na litteratura é uma fera, não admira que optasse pela carne crua. Marciano faz rolos de batatas com molho de sardinha, e chama-lhe lanochki, como Cesar de Lacerda chamou ao seu drama Os homens que vivem; Manoel Monteiro disserta sobre a açorda que se faz na Allhambra.

Antonio de Souza Almada atira-se ao bacalhau; Bernardino Martins vai d'África buscar o Caril, prato da sua predilecção; e todos pedem azeite de Alexandre Herculano. Até na cozinha este Herculano é autoridade!

No Cosinheiro dos cosinheiros não ha mãos a medir com petiscos; a vida do homem não era bastante para comer tudo que ali se ensina a fazer; um bacharel em mathematica calculou que o Matta dos pilões precisaria 40 annos, trabalhando de dia e de noite, para levar a effeito todas as receitas d'aquelle repertorio. Este calculo, que nos parece ter sido feito por geometria analytica, merece-nos toda a confiança.

E depois, que perfeição ha ali! Ramalho Ortigão leva as batatas não terem a cor dos seus contos, isto é, cor de rosa! Julio Machado faz uma caldeirada como aquella que elle faz ás vezes nos seus folhetins, quando falla de muitos livros; e Teixeira de Vasconcellos que já tinha mostrado as suas tendencias culinarias escrevendo o prato d'arroz doce, não perde a occasião de dar uma lição ao Herculano, ensinando o modo de purificar o azeite. O petisco de Luciano é todo vinagre, pimenta, e mostarda.

No meio de tudo isto, não se lembram do Roussado? Que bom contingente não daria elle para o Cosinheiro! Quem seria capaz como elle de ensinar a fazer um bom pratinho de do-brada d'Castillo, ou de iscas coimbrist?

E porque não figurar ali um petto satânico, feito na caldeira do Pero Botelho? Ou um petisco das enxundias de galiciã, de que Eduardo Vidal nos falla tanto nos seus folhetins?

Só uma cousa ha no nosso paiz, que seja capaz de renhir litteratos adversarios amigos no mesmo campo: é o estomago. A terrina litteraria arrebanhou alguns; o Cosinheiro veio completar a obra. De gravata e fraque, os nossos litteratos não se podem ver uns aos outros; de avental e barrete culinario, são todos amigos. Separa-os a penna, uno-os a caçarola.

Perante a caçarola, todos os litteratos são eguaes. E senão, leia-se o Cosinheiro dos cosinheiros, cujo offerecimento agradecemos ao seu autor.



AS NOSSAS PLATRAS



lguns artistas estrangeiros notam a irrisada das nossas platras. Verdade, verdade—Sob um certo ponto de vista, tem razão.

As nossas platras são tão formalistas, como a sociedade queas compõe.

Domina-as, uma certa gravidade, uma tal ou qual circumspecção que peia os impulsos da expansividade, ainda nos momentos de maior enthusiasmo. Isto é apenas o reflexo do que se dá nas relações sociaes. De mais o sabemos, os de casa.

—Os que porem vem de fora ignorão-o completamente. Daqui provem que é tida por severa, por exemplo, uma attitud habitual dos nossos auditorios—a silenciosa e não menos tremenda gravidade com que são recebidos os artistas, á sua apparição no palco. Essa fectão é apenas porem um mero habito convencional. E' certo que um grande numero d'executores, preferem—o que é sensatissimo—applaudir o artista após as provas do seu merito, a receber-o logo com applausos que ainda não se sabe se se justificão.—Entende-se todavia,—e o ar-

tista entende-o assim,—que os applausos á sua entrada não significam tanto a saudação ao merito, que não houve ainda occasião de julgar, como uma benevolente animação, sempre apreciada pelo artista de ordinario, mais ou menos commo-vido, mais ou menos acanhado pela ideia de apresentar-se em face de uma platra que lhe é inteiramente desconhecida.

Todavia esta opinião d'alguns executores, que acabamos de registrar, não determina de nenhum modo a attitud das platras, a que alludimos.

O que a determina é, como dissemos, o costume, é o habito, inteiramente convencional, tornado norma imprescriptivel de bom tom, athe, norma que se impõe ás massas com todo o vigor da intolancia, que caracteriza as mais das vezes a opinião, norma considerada impossivel de affrontar, e contra a qual ninguém ousa insurgir-se com medo do ridiculo. Porque, nem por ser lastimoso é menos verdadeiro, é possivel que incorra em ridiculo quem quizer affrontar certos ridiculos, no seio de uma sociedade quasi inteiramente subjugada pelas leis da opinião, serva ella mesma de frivolos convenções, de caprichosas formalidades, e subjeta a certas regras de civilidade, não menos implacaveis do que lanas.

Applauda-se. A maioria applaude. Se houver que especialisar, não se especializará por que todos tem receio de assumir a responsabilidade de um acto espontaneo que honra o artista, não menos do que quem o promove. Se algum, ouvindo a Laura Harris cantar o terceiro acto da Lucia acompanhada de Groner, o flautista, se lembrar de especialisar este artista pelo muito que contribue para aquelle sordido desempenho, não o fará. Assumir essa responsabilidade seria affrontar a opinião de uma platra que, toda enlevada na execução da cantora, nem sequer se dá ao trabalho de avaliar quanto Groner contribue para aquelle triumpho. Se algum se lembrar de applaudir Fontana apoz os seus preludios magistraes na harpa, não o fará, porque não é de bom tom dar palmas á execução de trechos todas as noites ouvidos, todos os annos repetidos, e que afinal não são executados pelos cantores. E o publico está ali só por elle. Os artistas da orchestra são um accessorio, um costume de que já não se faz conta. Que importa o ser solista? Ca não se repara n'isso. Eis porque os artistas dizem, e desta vez com muita razão:—o publico de Lisboa não é para fazer a reputação de artistas.—Afinal meus amigos aqui melhor do que nunca.—Ninguém é propheta na sua terra.

Quantas pessoas haveria na platea do Theatro da Trindade na noite da ultima recita de Furtado Coelho que bem sentissem quanto era devida uma chamada especial! uma manifestação, aparte do enthusiasmo que o seu incomestavel talento provocou? Quantas? E todavia nenhuma se resolveu a promover essa manifestação, que acharia, bem certos estamos, acharia echo em toda a sala! Furtado Coelho não é só um excellent actor. É um nobre cavalheiro. Vindo a Portugal apoz largos annos de ausencia empregados em regenerar a arte no Brazil, dispondo-se a apresentar á apreciação dos seus compatriotas o fructo dos seus estudos e dos seus trabalhos, dando-lhe na intelligencia com que desempenhou os tres papeis que aqui veio representar uma ideia de quanto contribuiu para tornar affonso de um tal filho a sua patria, nem sequer um ramo lhe cahiu aos pés na noite da sua despedida! O panno subio e desceu da primeira á ultima das recitas de Furtado Coelho como subiria e desciria sobre qualquer artista estrangeiro de passagem por esta capital. O publico exerceu a sua soberania absoluta. Louvou, censurou, discutio, applaudo, distrahiu-se, passou uns bocados de tempo, e foi-se deitar.

Fallou muito, comparou, estabeleceu preferencias, quantas vezes foi injunsto, quantas vezes respeitador da memoria dos que foram, d'aquelles que agora o fogo da paixão não anima, e a quem a morte gelou nos labios a palavra que galvanisaria cadaveres; relembrou, enfim, o dito, oh vós que já fosteis deste mundo, cada vez mais justificado pelos que ainda cá ficaram:—Les morts ont vie.

Pois nada disto carecia o Sr. Furtado Coelho. O publico deu-lhe o que elle não aceita nem pode aceitar, e não se lembrou de offerecer-lhe o que elle de bom grado levaria consigo, como a mais grata recordação dos poucos dias que em Lisboa passou.—Uma corã singela, um ramo, uma flor, ao menos, como brinde não ao artista, mas ao compatriota, logo. O publico soberano não tem obrigação de dar testemunhos duradouros do seu agrado. Applaudindo, pagou. E quanto basta para se conhecer que é o povo.

As direcções de tantas casas de beneficencia a quem Furtado Coelho auxiliou com o producto das suas recitas, essas não tiveram para mandar ao beneficior, ao homem bispecto e generoso, duas boninas colhidas nos pateos dos respectivos aytois. Hver-se portanto que os artistas estrangeiros que de futuro houverem de trabalhar perante o publico lisboense não tem, em vista do procedimento havido para com o nosso compatriota, fundamento algum para estranhar a friza das nossas platras.

Cifra-se tudo n'uma questão de formalidade, á qual quantas vezes, como agora, sentimentos bem mais legitimos, serão sacrificados, envoltos em imperdoavel esquecimento.



Uma lição de philosophia da historia a proposito da ROSA DE SETE COLINAS

O proprietario d'este jornal recebeu ha dias a carta que abaixo se transcreve, á qual entendeu não dever negar a publicação.

Sr. Redactor.

No seguinte numero do Binoculo apparece, em artigo de fundo, um relativo á Rosa de sete colinas, segundo se concluea da epigraphie.

Não foi tanto a admiração que me causou o ver que o seu articulista em vez de analysar a magia, produção do sr. A-

Abranches, como era de suppr, criticava depois de parolas varias o sr. F. Palha com critica bem pouco funda para artigo de fundo, se não que v. consentisse em deixar passar aquella critica, que veio por assim dizer embaciar as lentes do seu Binoculo, fazendo que v. faltasse, o que é mais grave, ao que na introdução do 1.º numero nos promettera.

E decerto. Pois se o Binoculo, reconhecendo que *ver ao longe e ver ao perto são cousas diferentes*, se apresenta como suppondo a *necessidade de alongar a vista aos que a tem curta*, devera, se bem racional, apresentar as suas lentes bem claras e desmanchadas não tanto aos que não tem a vista grossa, como aquelles que por fatalidade a tenham curta.

Eu seguramente não tomarei a liberdade de offerecer a V. o meu lenço para limpar as suas lentes, não foi essa pretensão que me levou a escrever-lhe esta.

A minha pretensão é despretensiosa. — Limita-se simplesmente a lembrar a v. que *aos de vista mais perspicax minudencias escapam, que serão notadas, se acaso v. quizer dar-se a velas de mais perto.*

E se julga que estou zangado por ver que o seu articulista se não occupa exclusivamente da analyse da *Rosa das Sete Folhas*, ou do seu desempenho, muito se enganará, meu caro caricaturista. Eu bem sei a que *empresas de Icaro se arrojava quem mettesse hombros a essa empresa*, e como o autor de *Fr. Luiz de Souza*, mal saberia que marés teria para dar nome com o mergulho que o infiel visse a dar.

Também não serei em que intente a tal analyse, e por isso bem entenderá v. que não é meu proposito vir agora a fallar dos chistes e facecias de tão bom gosto de que aquella produção do nosso estimavel magisturo se acha... entulhada. Pelo mesmo motivo não me occuparei do desempenho. Era realmente sensabor vir a estas horas dar parte ao publico que os actores encarregados d'interpretar a *Rosa das Sete Folhas*, se tinham havido com todo o zelo, intelligencia, e boa vontade de que são capazes. Isso está mais que exuberantemente provado.

A *fidelidade* com que o actor Leoni reproduz o *typo concebido* e delineado pelo autor, quem será ahí capaz de imital-a? Qual a actriz que mais completo expositio de pares de botas, nos fará do Anna Pereira? Comprimto nos canos, phantasia no bisponto, elegancia na forma, herança completa de tambor-mór, se é que os tambor-móres usaram alguma vez botas d'aquellas. — Ah! Frick que fregueza!

Deixemos portanto a peça e seu desempenho. Deixemos a *Rosa das Sete Folhas* percorrer entre as magias suas companheiras a mesma rutilante carreira que o rei dos astros prefaz entre os mundos que o rodeiam.

Do sol é seu destino inundar de luz o universo. — A *Rosa das Sete Folhas* nasceu para inundar de libras os cofres da empresa.

Isto é indiscutível; e se algum tem duvidas a este respeito leia os *sete livros de Tules*, greco magico que viveu sete seculos antes do greco Aristides, e lá verá tudo isso prophetaisado. Ponto.

A minha questão é o *Binoculo* vivo mal o sr. F. Palha, quando applicando-lhe o *Binoculo*, achou que elle ia governando a arte para as regiões da *cambalhota*. Engano, meu amigo, completo engano.

É mal feito desviar a responsabilidade do destino desta viagem que a arte vae fazendo, de sobre a consciencia d'aquelles a quem ella deve passar, para cima dos hombros do estimavel empresario, a quem o seu articulista atribue quasi as damadas intenções de *Neluso*.

Demonstrado que o sr. Francisco Palha n'esta questão não é o agente, antes sim o paciente, cahirá por terra todo o effeito da objuratoria do seu articulista.

Ora diga-me — Conveniu ou não o meu excellentissimo amigo em que a arte e a litteratura são as mais legitimas manifestações do sentir das sociedades, o seu mais verdadeiro reflexo? Conveniu. Muito bem. Convirá tambem em que a época que vamos atravessando é uma epocha de degenerescencia, de corrupção, de decadencia, não é assim? — Bom.

Agora diga-me — em litteratura que pode uma tal epocha produzir que não seja d'estrágado gosto, podre na essencia, falso mentido, empolado? — salvo excepções. (Vide os sete livros de *Tules*. — Esta obra é muito conveniente de consultar-se em tão melindrosa questão) — Continuo: — Emquanto a arte; — que pode a arte fazer senão rebaixar-se, amesquinhar-se, degenerar?

Arte e litteratura tem de seguir este trilho, se quer concordar que sejam, como eu entendo que são, as legitimas representantes da estropiada actualidade.

Posta a questão n'estes termos examinemos qual é o crime de que no libello do seu articulista é accusado F. Palha. Qual a parte que lhe compete n'este angustioso assassinato da arte e da litteratura, — pela sua intervenção immediata e directa, como piloto da tal immensa nau?

Eu estou intimamente convencido que qualquer homem regularmente esperto para tirar partido da situação nos termos em que a definimos, e sufficientemente ousado para accoitar-lhe as consequencias, não pode logicamente ser responsavel pelos males, — quequesos que elles sejam, que se derivem desse estado anormal, embora aproveite d'elles. É o que se dá a res-

peito de Francisco Palha. E note que defendendo-o defendo a causa de Offenbach, e de todos os que aproveitam as tendencias da sua epocha em puro proveito proprio. Nunca fui de gostar ou não gostar por systema. Segui sempre as proprias inspirações, e porque me delicio ouvindo a Semiramis, ou Lucia, não posso occultar-lhe que dou o cavaco pela musica da Grã-Duqueza.

E' de máo gosto? Não contesto. — Reconheça porém que sou logico e coerente com a minha epocha. Sou homem do meu tempo, marchando com a actualidade.

Ora se o meu amigo quizer concordar, no que andará acertadamente, se quizer concordar, repito, que ha infinitos numero de individuos, cujo gosto por singular extravagancia é em tudo igual ao meu, verá que não é o sr. Francisco Palha, mas sim nós outros, o publico, emfim, o culpado, com o seu gosto extravagante, no tal assassinato da arte.

O sr. Francisco Palha tem uma casa para dar expectaculos ao publico; e como homem de gosto, homem intelligente, e o mais acabado dos empresarios, escreita o gosto publico e serve-o a seu modo. O publico paga? Pois bem sirva-se o publico. O publico gosta? Pois bem attenda-se o publico. E quando o publico se alhoarrecer cá estou eu para lhe espreitar o appetite, para lhe variar os accipies, e tambem, o que é justissimo, para receber os proventos, e auferir os lucros do meu trabalho e disvelo. O que o digno empresario não faz é impedir a ninguém gato por lebre, permita-me os termos. Quando houver de ser gato, descanse que elle terá o cuidado e a honradez de o fazer annunciar.

Como esta vae longa, resumir-me-hei a uma só objecto que não quero deixar de pé, e fecho.

— Mas, disse, mas o empresario do theatro da Trindade, se não estraga a arte, contribue para acabar de estragar o gosto, sustentando Offenbach, no palco e cartaz.

Não devia faze-lo. Devia dar dramas originaes, composições todas portuguezas, comedia nacional, etc.

Esta comparo-a ás pretensões de certos ratões que quem tem por força *apatriar* os capitães.

— Quem tem a culpa da ruína do thesouro, dizem elles, são os capitalistas.

Se em vez de emprestar ao governo, emprassemos os capitães em fundar empresas, em animar a agricultura, em proteger as artes, em desenvolver as industrias, já o governo não achava quem lhe emprestasse com tanta facilidade. Não sabrião tão caros os supprimentos se os capitalistas se recusassem a emprestar... Estas são outras tantas mil e quinhentas! E que tal heim? — Estas são outras tantas mil e quinhentas! Pois cuidio vocemeças que o dinheiro tambem é patriota?

Estão muito enganados. Não, que elle tem mais juizo que vocemeças.

O capital o que procura é o ganho. Quer lá saber se vae para as mãos do governo ou das empresas, que por via de regra o consomem sem lucro? O dinheiro vae para as algibeiras de quem melhor o pagar, e o governo é sempre quem melhor preço offerece.

E' o caso do nosso empresario. Bem aviado estava elle se se possessse a dar dramas que ninguém ia ver, em logar d'aquelles enfiados com *rosas* por que os rapazes morrem, os velhos suspiram, e nas manhas provocam ciúmes, digam-se, abençoados, que as transmitem, por imaginação, aos tempos saudosos em que elles eram legitiimos!

Faz elle muito bem. E continue. Quem não gostar, que não vá lá. — Tomara eu ver que o publico segue este norte, que vae para D. Maria, por exemplo, ou para o Gymnasio, onde estão em scena as peças portuguezas, o bom, o insuspeito, o que tem carta limpa dos melindrosos, e alvára de licença visado pelos zeladores do gosto publico. Aquelles não vão para o paiz da cambalhota de conserva com arte, mas *queira Deus* que não sejam obrigados a invarnar lá em volta d'ella. Tomara eu ver que o publico concorre aos dramas de escola romantica com o seu cortejo de puilhas e de venenos, com os seus alcapões e portas falsas, e alhe, para tudo ser completo, com uma berraria infernal de choros e de gritos lastimosos nos camarotes, e no meio de toda esta calamidade, o tyranno jurando vinganças com caretas capazes de assustar o proprio Satanaz, e ameaçando tragar os expectadores com uma bocarra maior que a de Sacavem!

Quem me dera ser tão feliz que podesse ver tudo isso! Se tal se resolvesse, ter-se-hia dado um grande acontecimento. A opinião publica estaria virada. Offendich teria morrido, a opera comica, essa impudica de scena actual, jactaria ahí para algum recolhimento de arrendpadas, mas — este o facto capital, — a epocha tinha chegado tambem a hora da sua regeneração, — a mortificação remiraria os longos dias desta mais longa orgia! Retomaria o seu logar a sinceridade, e desaffrontaria a consciencia o livre proceder de um pensar recto!

A argucia sumir-se-hia da litteratura, como de sobre a arte cahiriam as empolas, que a desfiguram.

Haveria sinceridade, ao menos, haveria rectidão! Haveria verdade! E eu, que sempre morri cá para cima do Chiado em vez de ir para o Circo de Prico, successor e legitimo herdeiro do Circo de Madrid, iria encaixar-me em um logarinho da geral na

Trindade, no novo Agraio, para ver não o Barba Azul, nem o Fausto e Petiz, nem a Princesa de Trebizonda, nem a Rosa de Sete Folhas, mas... Francisco Palha a dar saltos mortaes e a fazer cabriolas com o Antonio da *mae* no meio de uma enchente de botar fora!

Com isto não enfado mais, e creia que sou,

(*Sum. de P. B. 1874*)



ão ovnis? Não sabeis de onde vem o som melancolico d'aquelle sino? Escutae. Vem de longe, off de bem longe! vem da serra. Trouxe-o a brisa da tarde, ao rastear pelos fragedos do despedinhado. Aquelle som, vem de Gastromino. É o sino da sua ermida que vos chama, que vos convida a ouvir a lenda tocante da sua existencia.

Quereis saber onde fica Castromino, e a sua ermida? Perguntae-o ao unico homem de d'esse pitoresco sitio vos pode dar bem exacta noticia Perguntae-o a Teixeira de Vasconcellos. Compreae o livro, e dizei-nos depois qual admirais mais, se o capricho da sorte que poz no pinacero d'aquella montanha tão romantica historia, se a habilidade, a graça e mimo que o seu narrador emprega em contal-a.



ão boa maré não é d'esperdiçar. Fallar de produções litterarias aos pares, não é caso vulgar nesta terra, que é todavia a patria de Garret e de Herculano.

Eva, aquelle formosissimo romance que Santos Nazareth acaba de publicar, tem recebido do publico o acolhimento mais brillante que o seu autor podia desejar.

Vende-se que é uma consolação... para o autor, e... pedimos licença, para nós tambem, seus amigos.

O outro dia entrou um sujeito em

casa do Afra:
— O senhor tem cá a *Eva*, de Santos Nazareth?
— Sim senhor.
— Quem a quizer comprar, quanto tem que dar por ella?
— Seis tostões.

— Dê cá depressa. Eu sou solteiro, e visto que Santos Nazareth vende a sua *Eva* compro-ll'a eu. Nunca encontrarei mulher que mais barato me custe.

E é esta consideração, junta ao muito bem que d'ella dizem os que a levam para casa, que promove uma venda espantosa ao livro.

Dêmos os parabens ao seu autor, que começou a sua carreira litteraria com assomos de *semi-deus*, visto que fez *Eva*. O lisonjeiro acolhimento que a sua produção obteve leva-nos a crer que em breve o saudaremos um *deus* quando elle se resolver a formar o seu *Adão*, o que será mais uma gloria, de certo, nas não um impossivel para quem já é conhecido por *santos*, e tem no appellido um *mitagre*.

(*Sum. de P. B. 1874*)



Fidalguinho é o titulo d'uma comedia em 3 actos, do sr. Ferreira de Mesquita, que deve subir á scena no theatro do Gymnasio, em beneficio da actriz Anna Cardozo, que se realiza no presente mez.

A comedia é d'aquellas, que se conservarão por muito tempo em scena, se não for fazer sombra a algum sol de folha de Flandres.

(*Sum. de P. B. 1874*)

Achavam-se já compostos dois artigos acerca das representações da *Dalila* e *Morgandina de Val-Flor*, e revistas as provas, quando constou ao proprietario do *Binoculo* a partida do sr. Furtado Coelho para o Brazil.

Apesar do grave transtorno que o retirar os referidos artigos causou, o proprietario d'esta folha não hesitou em fazel-o sacrificando pela sua parte a caricatura que devia acompanhar este numero, que tambem se achava já desenhada, e cujo printa o mesmo serviu que aos mortos os ultimos responsos, illumina-lhes o caminho da gloria. E' justo portanto que se faça de *corpo presente*.

G—(Porto) Recebemos a sua carta, que muito agradecemos. D'ella tirámos o mais importante, e pedimos o favor da continuação,

AF. A.—(Lisboa) Recebemos os seus versos, mas não os podemos publicar. Para engraçados, tem pouca graça; e para serios, tem graça de mais, como diria madame de Sevigné.

(*Sum. de P. B. 1874*)

